

ENFERMAGEM ATUANTE NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA E VIOLÊNCIA LABORAL: ANÁLISE A PARTIR DA REVISÃO DE LITERATURA

FAMILY HEALTH STRATEGY NURSING AND WORKPLACE VIOLENCE: ANALYSIS OF LITERATURE REVIEW

Fernando Lucas Freitas Rocha¹
Lorrayne Oliveira Dias Soares¹
Suelen Ferreira Rocha²
Karla Jaciara Vieira Damaceno³
Carla Silvana de Oliveira e Silva⁴
Bruno de Pinho Amaral⁵
Renê Ferreira da Silva Júnior⁶

RESUMO

Objetivo: A presente pesquisa objetivou analisar a produção literária científica que diz respeito ao tema da violência laboral cometida contra enfermeiros atuantes na Estratégia de Saúde da Família. **Metodologia:** Trata-se de revisão de literatura integrativa de artigos científicos disponíveis gratuitamente nas plataformas SciELO, Lilacs e BDENF. Para a formação da amostragem, foram utilizados os seguintes descritores: “enfermagem”, “violência no trabalho”, “atenção primária” e “estratégia de saúde da família” e selecionados apenas artigos escritos em português e publicados entre os anos de 2013 a 2018. Foram excluídos artigos de revisão de literatura encontrados. Os dados obtidos foram reunidos em categorias e analisados em consonância com os preceitos da análise de dados de Bardin. **Resultado:** Foram selecionados 5 artigos que possibilitaram visão ampla do assunto e permitiram caracterizar as diversas formas de violência que podem acometer o profissional de enfermagem no local de trabalho, e as consequências dessa situação. **Conclusão:** Conclui-se que a violência traz graves prejuízos à saúde do trabalhador e, assim, à coletividade.

Palavras-chave: Enfermagem. Violência no trabalho. Atenção primária. Estratégia de saúde da família.

ABSTRACT

Objective: The objective of this study was to analyze the scientific literary production related to the topic of labor violence committed against nurses working in the Family Health Strategy. **Methodology:** It is a review of the integrative literature of articles to the theme freely available on the SciELO, Lilacs and BDENF platforms. The following descriptors were used for the formation of the sample: "nursing", "workplace violence", "primary health care" and "family health strategy" and selected only articles written in Portuguese and published between 2013 and 2018. Articles of literature review were excluded. The collected information was categorized and analyzed in accordance with the precepts of the data analysis

¹ Graduandos em enfermagem. Faculdades Unidas do Norte de Minas Gerais.

² Enfermeira. Universidade Estadual de Montes Claros.

³ Mestre em Ensino em Saúde. Enfermeira. Universidade Estadual de Montes Claros.

⁴ Doutora em Ciências. Enfermeira. Universidade Estadual de Montes Claros.

⁵ Especialista em Saúde da Família e Comunidade. Médico. Universidade Estadual de Montes Claros.

⁶ Mestre em Ensino em Saúde. Enfermeiro. Docente das Faculdades Unidas do Norte de Minas Gerais.

Autor para correspondência: Suelen Ferreira Rocha. Rua Santa Efigênia, Nº 50, Morrinhos, Montes Claros-MG. CEP: 39400-441. (38)991473186. E-mail: suellen-f-rocha@hotmail.com



of Bardin. **Results:** Five articles were selected that allowed a broad view of the subject and allowed characterizing the various forms of violence that can affect the nursing professional in the workplace, and the consequences of this situation. **Conclusion:** It is concluded that violence causes serious harm to the health of the worker and, consequently, to the community.

Keywords: Nursing. Workplace violence. Primary health care. Family health strategy.

INTRODUÇÃO

O trabalho é uma atividade que visa transformar recursos naturais, por meio das forças físicas e psíquicas do homem, em bens e serviços úteis para o desenvolvimento social e humano e, nesse agir, o homem, além de provocar transformações sobre a natureza externa, modifica a sua própria natureza, descobrindo e desenvolvendo seu potencial humano (MARX; ENGELS, 1976). Assim, por sua relevância nos desenvolvimentos social, cultural e pessoal dos indivíduos e da sociedade em geral, o trabalho se erige a patamares de centralidade da vida e, portanto, influencia e é influenciado por problemas de outras áreas do viver humano, como é o caso específico da violência (BRASIL, 2005).

A violência é um fenômeno social complexo e com múltiplas causas, existe em todas as classes sociais e se modifica ao longo do tempo e espaço, de modo que foge a qualquer conceituação precisa e definitiva (MINAYO, 2013). Porém, em 2002, a Organização Mundial da Saúde, com escopo de aprimorar o entendimento global pertinente ao problema da violência e arrazoar pela sua prevenção, publicou o Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde no qual conceitua a violência como uso doloso de força física ou de poder, ou a ameaça de fazê-lo, contra si próprio, outrem ou grupo ou comunidade, que resulte ou que possa resultar em lesão física, dano psicológico, deficiência ou morte (KRUG *et al.*, 2002). Por conseguinte, a violência no local de trabalho pode ser definida como qualquer agressão física, psicológica ou moral, que implique risco para a segurança, bem-estar ou saúde do trabalhador (OIT, 2002).

Com relação à violência sofrida por profissionais de enfermagem, a Organização Mundial de Saúde – OMS, desde 2000, já a considera uma epidemia mundial (COREN/SP, 2017). No Brasil, especificamente, pesquisa realizada em nível nacional pela Fiocruz e Conselho Federal de Enfermagem revelou que 19,8% dos profissionais de enfermagem

sofreram alguma forma de violência no ambiente de trabalho. Destes, 66% relataram sofrer violência psicológica (COREN/SP, 2015). Ainda, de acordo com a pesquisa, 71% dos entrevistados disseram não sentir proteção no ambiente de trabalho.

Com este panorama, o Conselho Federal de Enfermagem - COFEN lançou nacionalmente, em maio de 2017, a campanha “Respeito na veia”, cujo objetivo foi propor o debate com profissionais da enfermagem, acadêmicos e professores, autoridades e especialistas na área, instituições de saúde, órgãos públicos e sociedade em geral, com vistas a ter conhecimento de como o problema da violência laboral vem crescendo e como afeta pessoal e profissionalmente os enfermeiros. Também visou conscientizar a população do valor desses profissionais para a saúde do país (COFEN, 2017).

O presente artigo se propõe a analisar os diversos dados científicos a respeito da violência laboral contra enfermeiros atuantes na Estratégia de Saúde da Família, oriundos de artigos científicos que tratam do assunto.

METODOLOGIA

Trata-se de trabalho elaborado a partir de revisão integrativa de literatura sobre artigos científicos publicados em meio digital com acesso gratuito, visando responder à seguinte questão: “Como a violência laboral contra enfermeiros atuantes na estratégia de saúde da família tem sido abordada na literatura científica pertinente?” Para tanto, *a priori*, delimitaram-se as bases digitais de dados a serem utilizadas na busca dos artigos. Foram escolhidas três, a saber: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF). Posteriormente, definiram-se os seguintes descritores de pesquisa: “violência no trabalho”, “enfermagem”, “estratégia de saúde da família” e “atenção primária”. Definiu-se também, para a delimitação da amostra, que os artigos seriam filtrados por idioma e por ano de publicação, assim, só foram considerados os artigos escritos em português publicados entre 2013 e maio de 2018.

As pesquisas foram então realizadas, reunindo os descritores em três grupos, da seguinte maneira: A) “violência no trabalho” + “enfermagem” + “atenção primária”; B) “violência no trabalho” + “enfermagem” + “estratégia de saúde da família”; e C) “violência no

ENFERMAGEM ATUANTE NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA E VIOLÊNCIA LABORAL:
ANÁLISE A PARTIR DA REVISÃO DE LITERATURA

trabalho” + “enfermagem”. Com esse procedimento, foram encontrados 1327 artigos dos quais apenas 160 se enquadravam nos parâmetros de amostragem. Destes, após leitura repetida e atenciosa dos títulos, dos resumos e, quando sobejava dúvida, das metodologias e conclusões, foram excluídos 141 artigos por não se enquadrarem no escopo da pesquisa. Dos 19 artigos remanescentes, 13 eram repetidos nas bases de dados em outras pesquisas e 1 tratava-se de revisão de literatura, foram, portanto, desconsiderados. Desse modo, restaram 5 artigos, apresentados sistematicamente e analiticamente no quadro 1. O procedimento adotado e resultados obtidos em cada pesquisa foram sintetizados na tabela 1.

Tabela 1 - Resultado discriminado das pesquisas de artigos nas bases de dados

| Base de Dados | Grupo de Descritores usado | Artigos encontrados | Artigos excluídos | | | | Artigos escolhidos |
|---------------|----------------------------|---------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------|-----------------------|--------------------|
| | | | Fora dos parâmetros de amostragem | Impertinentes ao tema da pesquisa | Repetidos em outras pesquisas | Revisão de literatura | |
| SciELO | A | 12 | 2 | 9 | 0 | 0 | 1 |
| SciELO | B | 10 | 4 | 4 | 1 | 0 | 1 |
| SciELO | C | 121 | 63 | 51 | 5 | 1 | 1 |
| Lilacs | A | 9 | 7 | 2 | 0 | 0 | 0 |
| Lilacs | B | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Lilacs | C | 1081 | 1022 | 53 | 5 | 0 | 1 |
| BDENF | A | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| BDENF | B | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| BDENF | C | 93 | 69 | 21 | 2 | 0 | 1 |
| TOTAIS | | 1327 | 1167 | 141 | 13 | 1 | 5 |

Fonte: Tabela confeccionada pelos autores.

Feita a seleção dos artigos, passou-se à análise e à discussão dos dados constantes na literatura produzida na área, utilizando-se da análise de conteúdo (BARDIN, 2016). Assim, foram empregados procedimentos de pré-análise, exploração do material e tratamento de dados e, por fim, a sistematização do conhecimento em categorias temáticas. Para fins de se possibilitar comparações entre as informações insculpidas nos artigos, optou-se, quando possível, por converter os dados fornecidos em números absolutos por números percentuais.

Não foi necessária a submissão do projeto de pesquisa a qualquer trâmite ético formal, por se tratar de revisão de literatura, contudo, a pesquisa prestou obediência integral aos preceitos éticos preconizados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme aludido, a pesquisa culminou com a seleção de 5 artigos científicos que foram sumarizados no quadro 1, a fim de se sintetizar o conhecimento. Os artigos selecionados forneceram informações suficientes para formar duas categorias de dados: caracterização dos enfermeiros atuantes na ESF vítimas de violência laboral, a comparação da prevalência em relação a outros profissionais da saúde e tipologia das violências sofridas e fatores de risco da violência e suas consequências físicas, psíquicas, profissionais e sociais.

Quadro 1 – Artigos selecionados para a revisão de literatura

| Autores/Ano | Periódico | Local de estudo | Tipo de estudo | Base de dados |
|-------------------------------|-----------------------|-----------------------|--|---------------|
| SORATTO <i>et al.</i> , 2017 | Texto Contexto Enferm | Brasil | Qualitativo | SciELO |
| POLARO <i>et al.</i> , 2013 | Texto Contexto Enferm | Belém-PA, Brasil | Descritivo qualitativo | SciELO |
| BORDIGNON; MONTEIRO, 2016 | Rev Bras Enferm | Brasil | Reflexivo | SciELO |
| OLIVEIRA <i>et al.</i> , 2013 | REAS | Uberlândia-MG, Brasil | Transversal, exploratório e descritivo | Lilacs |
| MACHADO <i>et al.</i> , 2016 | Enferm. Foco | Brasil | Transversal | BDENF |

Fonte: Quadro confeccionado pelos autores.

Caracterização dos enfermeiros atuantes na ESF vítimas de violência laboral, a comparação da prevalência em relação a outros profissionais da saúde e tipologia das violências sofridas

A análise dos artigos possibilitou determinar o índice de enfermeiros atuantes na ESF vítimas de violência laboral. Em pesquisa publicada pelo COFEN, 33,6% dos profissionais de enfermagem relataram já terem sido vítimas de alguma forma de violência

laboral (MACHADO *et al.*, 2016). Porém em pesquisa realizada em Uberlândia, 56% dos enfermeiros relataram que já sofreram algum tipo de violência no ambiente de trabalho. Apenas profissionais de medicina têm índices similares de violência, conforme demonstra a tabela 2 (OLIVEIRA *et al.*, 2013).

Tabela 2 – Comparação dos índices de violência laboral nas categorias profissionais da saúde

| Categorias profissionais de saúde | Percentual de profissionais que sofreram violência laboral | Percentual de profissionais que não sofreram violência laboral |
|--|---|---|
| Enfermeiro | 56% | 44% |
| Médico | 56,25% | 43,75% |
| Técnico em enfermagem | 28% | 72% |
| Agente comunitário | 40,68% | 59,32% |
| Dentista | 16,67% | 83,33% |

Fonte: Tabela confeccionada pelos autores com base em dados obtidos em pesquisa de OLIVEIRA *et al.*, 2013.

Contudo, quando se comparam aos tipos de violências a quais os diversos profissionais estão submetidos, percebe-se que a violência que acomete enfermeiros são as mais graves. A violência prevalente entre os enfermeiros é o assédio sexual, representando um terço da violência dispensável a enfermeiros, conquanto que, para efeitos de comparação, da violência que afeta médicos, 88,9% se referem a agressões verbais, tabela 3 (OLIVEIRA *et al.*, 2013). O assédio sexual é, reconhecidamente, a forma de violência que faz mais vítimas do sexo feminino do que do sexo masculino. De acordo com pesquisa realizada pelo COREN/SP, seguindo o padrão nacional, 83,3% dos profissionais da equipe de enfermagem são compostos por mulheres (COREN/SP, 2015).

ENFERMAGEM ATUANTE NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA E VIOLÊNCIA LABORAL:
ANÁLISE A PARTIR DA REVISÃO DE LITERATURA

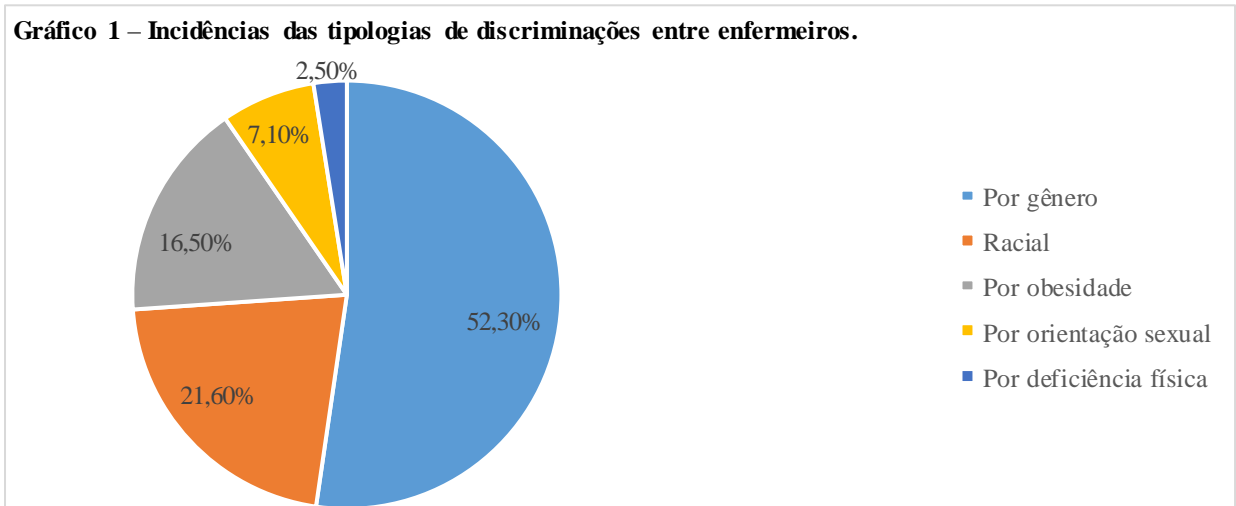
Tabela 3 – Comparação dos índices de diversos tipos de violência laboral por categorias profissionais da saúde

| Categorias profissionais de saúde | Verbal | Discriminação | Assédio moral | Física | Assédio Sexual | Outras formas |
|--|---------------|----------------------|----------------------|---------------|-----------------------|----------------------|
| Enfermeiros | 17,9% | 22,4% | 11,9% | 0% | 37,3% | 10,4% |
| Médico | 88,9% | 0% | 11,1% | 0% | 0% | 0% |
| Técnico em enfermagem | 41,2% | 17,6% | 11,8% | 5,9% | 0% | 23,5% |
| Agente comunitário | 45,1% | 14,3% | 9,9% | 5,5% | 6,6% | 18,7% |
| Dentista | 33,3% | 33,3% | 0% | 0% | 0% | 33,3% |

Fonte: Tabela confeccionada pelos autores com base em dados obtidos em pesquisa de OLIVEIRA *et al.*, 2013.

A aparente contradição entre os dados obtidos pelas diferentes pesquisas pode ser explicada pela metodologia adotada por cada uma delas. A pesquisa realizada pelo COFEN optou por agregar as diversas formas de violência em quatro categorias: psicológica, física, institucional e sexual. Já a pesquisa realizada em Uberlândia preferiu reunir os vários modos de violência em diversas categorias: violência verbal, discriminação, assédio moral, violência física, assédio sexual e outras formas. Desse modo, não houve exata congruência nos dados que permitam precisa comparação. Além do mais, os cenários das pesquisas são diversos. Enquanto uma pesquisa desenvolveu-se com enfermeiros atuantes nas ESF de Uberlândia-MG, Brasil, outra foi realizada tendo por base os enfermeiros em âmbito nacional.

Outros dados relevantes levantados dizem respeito à discriminação no trabalho. Quanto à tipologia, a discriminação por gênero é a maior entre enfermeiros, correspondendo a



Fonte: Gráfico confeccionado pelos autores com base em dados obtidos em pesquisa de MACHADO *et al.*, 2016 mais da metade dos tipos de discriminação. A menor é com relação a enfermeiros portadores de necessidades especiais (MACHADO *et al.*, 2016). As diversas tipologias de discriminação estão detalhadas na gráfico 1.

Fatores de risco da violência e suas consequências físicas, psíquicas, profissionais e sociais

A violência no trabalho, pela sua complexidade inerente, é multifatorial, exige, portanto, análise ampliada e profunda. No entanto, os artigos científicos selecionados forneceram um vislumbre sobre os fatores de risco que majoritariamente contribuem para a ocorrência de violência laboral. Pacientes violentos é o fator de risco mais citado, com 71,2% dos relatos; falta de pessoal preparado para lidar com situações de violência corresponde a 43,4% dos casos; e a sobrecarga de atividades equivale a 37,9% (OLIVEIRA *et al.*, 2013). A violência territorial, no entorno de onde está situada a ESF, também foi citada como fator de risco para a violência laboral (POLARO *et al.*, 2013; SORATTO *et al.*, 2017). Enfermeiros que exercem profissão em ESF situada em bairro onde há presença de intenso tráfico de entorpecentes ou onde há disputa entre traficantes, *v. g.*, relataram que foram assaltados (POLARO *et al.*, 2013).

A infraestrutura deficiente também foi apontada como fator de risco importante para a gênese da violência. Usuários do serviço da atenção primária, já em situação desconfortável, submetidos a precárias condições de atendimento, como falta de medicamentos ou dificuldade em agendar consultas, tendem a desenvolver sentimentos de raiva, até mesmo de revolta, e direcionam suas insatisfações aos profissionais da linha de frente, geralmente enfermeiros. É o que se denomina de violência institucional (POLARO *et al.*, 2013; SORATTO *et al.*, 2017). Não por outro motivo, os pacientes ou seus acompanhantes são indicados como os maiores perpetradores de violência contra enfermeiros, correspondendo a 49% dos casos (COREN/SP, 2015).

Os profissionais expostos a altos níveis de violência referiram sentir emoções de tristeza, raiva, humilhação e medo de trabalhar (OLIVEIRA *et al.*, 2013; SORATTO *et al.*, 2017). As enfermidades físicas incluem, por sua vez: dor, palpitação, dano à audição, dor de cabeça e cansaço. Já as consequências psicológicas mais comuns foram: medo, ansiedade, insônia, estresse, depressão, solidão, irritabilidade (BORDIGNON; MONTEIRO, 2016). A análise dos dados conseguidos nos artigos selecionados aponta que os enfermeiros submetidos à violência ficam psicológica e fisicamente vulneráveis, apontando que as consequências não se limitam ao ambiente profissional, perturbando também sua qualidade de vida nos âmbitos social e familiar.

A violência ocupacional é também geradora de frustração profissional e de desestímulo ao trabalho (BORDIGNON; MONTEIRO, 2016; POLARO *et al.*, 2013). Para 2,9% dos enfermeiros, a violência laboral é a principal fonte de insatisfação no trabalho, índice equivalente à sobrecarga de trabalho (SORATTO *et al.*, 2017). Para outra pesquisa, porém, esse índice é de 54,6% (OLIVEIRA *et al.*, 2013).

Para além das consequências pessoais, a violência, ao ser determinante para a insatisfação profissional, afeta negativamente a sociedade no entorno. O desinteresse pode acarretar a diminuição do comprometimento do enfermeiro com a instituição de saúde, de tal modo que a ESF suporta, direta e indiretamente, custos decorrentes da perda de eficiência e diminuição da qualidade. A exposição à violência em alto grau, quando reiterada e frequente, pode, inclusive, desenvolver no profissional o desejo de abandonar a profissão (BORDIGNON; MONTEIRO, 2016).

CONCLUSÃO

A literatura científica aborda a violência ocupacional no cenário da enfermagem atuante na ESF, sobretudo, sob a perspectiva de caracterização da sua tipologia. Pouco se trata de descrever a vítima, os danos consequentes, os agressores, os fatores desencadeantes e agravantes. Menos ainda, versa sobre os efeitos negativos que a violência laboral na ESF causa à sociedade, dependente do serviço de saúde que ela presta.

Assim, foi possível perceber que a violência no trabalho afeta tanto enfermeiros do gênero feminino quanto do masculino, porém, já que as mulheres são maioria dos profissionais, notou-se que elas são também vítimas em números superiores. De qualquer forma, dentre os profissionais de saúde que atuam na ESF, os enfermeiros são os que relatam sofrer violência. A violência predominante foi a que se caracteriza tendo a palavra como meio de agressão, seja por meio de ofensas, seja por meio de assédio sexual, mas sempre causando danos psicológicos à vítima. Os agressores mais contumazes são os próprios usuários do serviço, seja paciente, seja seu acompanhante.

Ainda que a violência tenha causa multifatorial, foi demonstrado que as condições deficientes na infraestrutura da ESF, por não possibilitar a prestação de serviço adequada e, assim, afligir os usuários, são determinantes para que haja violência. A localização da ESF também é apontada como condição para a violência.

A violência causa graves danos físicos, psíquicos e laborais à saúde do profissional vítima, tais como dor, palpitação, dano à audição, dor de cabeça, medo, ansiedade, insônia, estresse, depressão, solidão e irritabilidade. A violência também é fonte de desânimo e insatisfação do trabalho, fazendo surgir desejos de abandonar a profissão e, conseqüentemente, diminuir o comprometimento do profissional com seu ofício e com a instituição onde trabalha, e o faz menos eficaz e produtivo. Desse modo, a violência se revela, também, como geratriz de imensos danos à coletividade que cerca a ESF e que dela depende.

Por fim, não foram encontradas em qualquer dos artigos selecionados ações concretas para a prevenção e combate à violência, o que subsidia novas pesquisas acerca da temática.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016. 279 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BORDIGNON, Maiara; MONTEIRO, Maria Inês. Violência no trabalho da Enfermagem: um olhar às consequências. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 69, n. 5, set./out., 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n5/0034-7167-reben-69-05-0996.pdf>>. Acessado em 27 de abril de 2018.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **#Respeitonaveia é a nova campanha digital do Cofen**. Brasília: Cofen, 29 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.corenma.gov.br/2015/respeitonaveia-e-a-nova-campanha-digital-do-cofen/>>. Acessado em 17 de março de 2018.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DE SÃO PAULO (COREN/SP). Respeito é bom e todo profissional de enfermagem gosta! **Enfermagem em Revista**. São Paulo: Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo, n. 11, abr./jun. 2015. Disponível em: <http://portal.coren-sp.gov.br/sites/default/files/revista_coren_sp_junho_2015.pdf>. Acessado em: 04 de março de 2018.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DE SÃO PAULO (COREN/SP). **Violência no trabalho: guia de prevenção para os profissionais de enfermagem**. São Paulo: Coren-SP, 2017. Disponível em: <<http://portal.coren-sp.gov.br/sites/default/files/PDF%20site%20%282%29.pdf>>. Acessado em 17 de março de 2017

KRUG, Etienne G.*et al.* (Org.). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da saúde, 2002. Disponível em: <<https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>>. Acessado em: 04 de março de 2018.

MACHADO, Maria Helena *et al.* Condições de trabalho da enfermagem. **Enfermagem em Foco**, Brasília, vol. 7, edição especial, 2016. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/695/305>>. Acessado em 27 de abril de 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **El capital: crítica de la economía política**. Traduzido por Manuel Sacristán. Barcelona: Grijalbo, 1976.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. In NIJANE, Kathie; ASSIS, Simone Gonçalves; CONSTANTINO, Patrícia (Org.). **Impactos da violência na saúde**. 3 ed. Riode Janeiro: Fiocruz, 2013.

OLIVEIRA, Lorena Peres *et al.* Violência relacionada ao trabalho em equipes de saúde da família. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, Uberlândia, v.2 n.2, edição especial, 2013. Disponível em:
<<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/388/417>>. Acessado em 27 de abril de 2018.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Framework guidelines for addressing workplace violence in the health sector**. Genebra, 2002. Disponível em:
<<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/42617/1/9221134466.pdf>>. Acessado em 17 de março de 2018.

POLARO, Sandra Helena Isse *et al.*, 2013. Enfermeiras desafiando a violência no âmbito de atuação da estratégia de saúde da família. **Revista Texto & Contexto**, Florianópolis, v. 22, n. 4, out./dez., 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n4/09.pdf>>. Acessado em 27 de abril de 2018.

SORATTO, Jacks *et al.* Insatisfação no trabalho de profissionais da saúde na estratégia saúde da família. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, vol.26 n.3, set. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v26n3/0104-0707-tce-26-03-e2500016.pdf>>. Acessado em 27 de abril de 2018.